

Fotos, papéis e personagens da «Balada da Praia dos Cães»

Um livro: **Balada da Praia dos Cães**, de José Cardoso Pires. Uma interrogação: fruto da fantasia ou realidade recriada? E uma conclusão: nada acontece por acaso

Mário Ventura

Lido o processo d'A *Balada da Praia dos Cães*, apresenta-se a perguntas o escritor José Cardoso Pires.

O autor do processo, que pode ser simultaneamente réu, investigador, testemunha e juiz, parece ter, no entanto, muito pouco a confessar, enreda-se em versões confusas, dá explicações contraditórias, ilude as perguntas ou responde-lhes com interrogações idênticas. Em vez de palavras, avança com fotos e documentos, os quais — o inquiridor não o descortina — tanto podem ter a função de esclarecer a verdade como de a iludir.

As fotos

Há vinte anos — talvez mais, talvez menos, o autor encobre-se encobrindo a história no encobrimento de dados essenciais —, num grande areal dos arredores de Lisboa mar bravio, dunas agrestes, um grupo de homens — polícias, já se vê — debruça-se sobre uma cova pouco profunda, de onde surge, descomposto e apodrecido, o cadáver de um desconhecido, vítima — percebe-se logo — de morte não natural e, portanto, violenta. Assim começa a história que, por lógica dedução, já conta pelo menos duas décadas.

Nesse dia de triste invernada — revelam-na os impermeáveis dos investigadores —, quem podia dizer que a história que mal principiava duraria tantos anos, vin-

do a ser, duas décadas mais tarde, desenterrada — releve-se a analogia como feliz — por um cronista de aspectos insólitos da natureza humana?

Outra foto:

O autor, fumando e contando como há cerca de quinze anos, decidiu escrever a crónica de um caso e apenas logrou a história de um crime. E era o contrário, disto o que pretendia. Um crime, em si mesmo, o que é? Uma história policial, e pouco mais. E lá se foi á viola, no rescaldo da constatação, o trabalho de alguns anos. Só mais tarde, quando uma aparente transformação social do país, mudou a própria perspectiva histórica, é que teria então início, a outra história. Aquilo que poderia chamar-se, com alguma propriedade, a história do cerco do crime. Ou do ventre que o gerou. Ou como queiram... Um cronista, servidor e atento, permite quaisquer hipóteses.

Os papéis

Abre-se a pasta, como se fosse a caixa de Pandora. O observador sente-se à beira de penetrar nos meandros da gestação literária. Uma palavra solta, uma frase, uma citação, podem ser os germes de um edifício complexo. Tal como uma longa jornada começa sempre por um passo, também a caminhada de um livro se inicia muitas vezes com uma ideia ou uma palavra. Senão, vejamos:

Pai Thomaz corta a fita e sobe ao mastro.

Não é apenas uma frase, mas uma enxó com a qual se pode talhar o baixo-relevo de uma época.

Os cães: são a imagem dramática do homem, o transfert da sua autoridade.

Aproximamo-nos, assim, de uma explicação do título da obra. Os cães, desenterrando o cadáver da vítima, completam o ciclo da sua degradação.

I love a ballad in print, a-life, for then we are sure they are true (Shakespeare, The two gentlemen of Verona).

Aqui está — diz o observador com o ar de quem descobriu a penicilina —, cá estamos no título do processo que deu origem a este paleio: *A Balada da Praia dos Cães*. E o gosto pela verdade obriga a que se encontre a confirmação da prova neste simples apontamento solto:

Balada — narração poética de assunto lendário ou fantástico.

E a moral da história? Porque se é certo que toda a história tem uma moral, e se a não tem é inevitável que a procurem os amantes das convenções bem arrumadas — ou das arrumações bem convencionais —, então avancemos com outro documento recolhido da pasta do escritor:

O Português — Alimentamo-nos de História, de passado, de mortos, fazemos disso a nossa boa consciência, o nosso onanismo, a nossa autofagia.

E assim temos, sem mais aquelas, o crime relegado para ter-



O autor, fumando e contando como...

ceiríssimo lugar. Somos nós todos, afinal, os réus d'A *balada da Praia dos Cães*. Conclusão que comporta, obviamente, um sentimento autofágico.

A grande personagem do livro

Fechemos a pasta de escritor. Comprovado que foi não ser o livro a história de um crime, mas tão-somente uma reflexão sobre o que lhe deu origem, tra-

temos das personagens. A principal, neste processo de 250 páginas, é uma cidade: Lisboa, *en su salsa*. Chamemos de novo o autor, agora para que defina essa personagem:

«O livro é todo em música de fundo dos anos 60. Há um polícia solitário que vive com um lagarto e que atravessa a cidade em pianíssimo, cantando zarzuelas de elogio ás prostitutas do bairro. Há o Nat King Cole (o Neto Qu'In-gole, como ele lhe chama) a estrebuchar numa pastelaria da Gomes Freire.

«As figuras típicas da época animam a paisagem: o capitão Maia Loureiro que foi o terror do trânsito e do antigo «cabelet» Arcádia (hoje Solmar), e o capitão Maltez, que foi o terror das manif. estudantis e lavou a rapaziada a água azul. Ribadouro nesse tempo era a Universidade do Tremoço, onde faziam noites pessoas conhecidas, como Carlos de Oliveira, Fernando Lopes, o Boxeus Belarmino e o próprio (acrescento eu).

«Havia (e há) o pintor da Noite, o célebre Arnaldo que no caso da Praia do Mastro é chamado o Noivo da Esfin-ge que anda a aviar versos ao domicílio. Esse só dava versos, guardava a música.

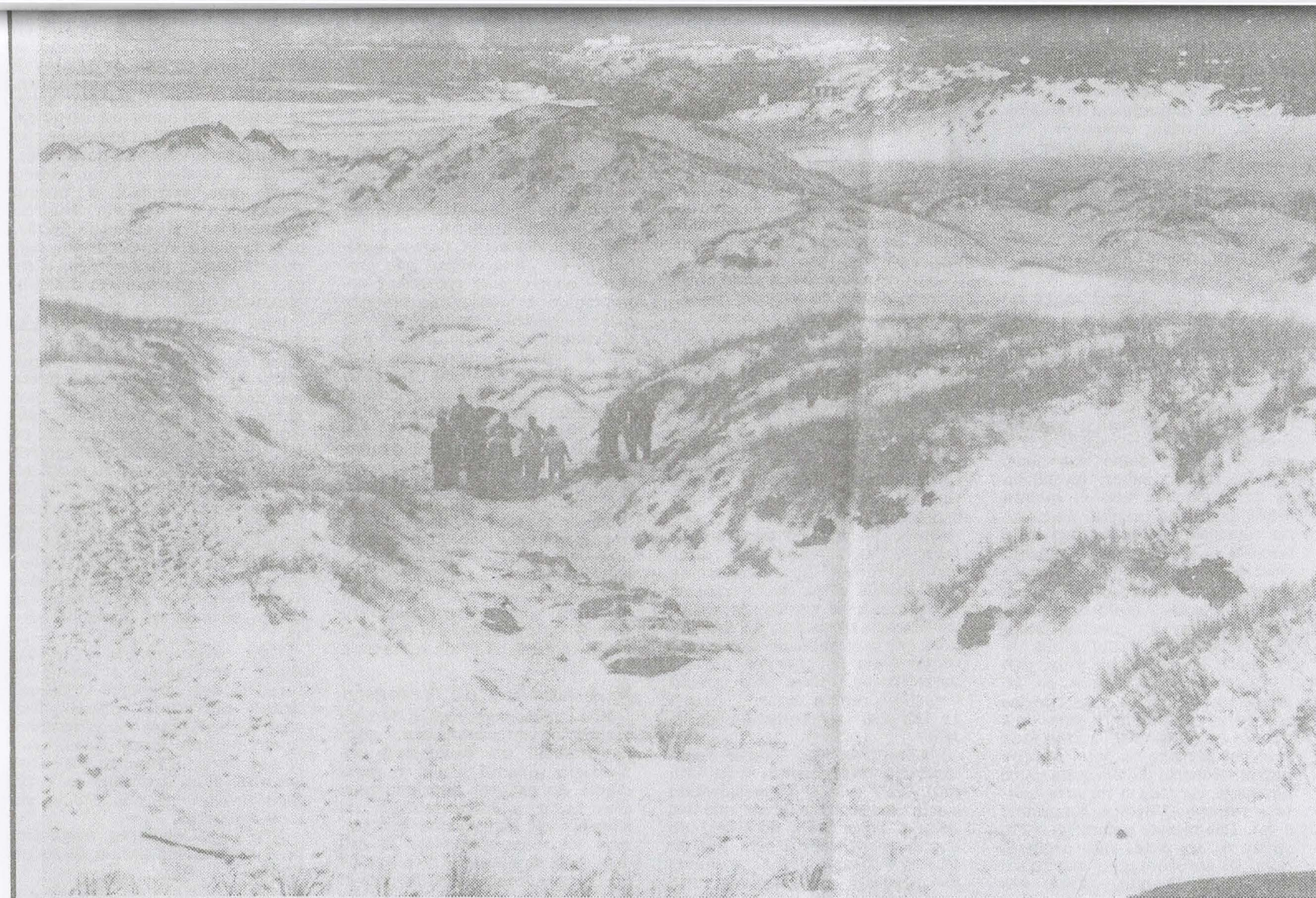
«Havia O Bolero. Aparece cantado ao som dos Platters. O Chiado, esse é descrito como se fosse um cemitério de luxo em sessões contínuas com o poeta da esátua sentado no penico.»

Esta é a verdadeira persona Cães. O resto são comparsas, e gem de *A Balada da Praia dos cães*. O resto são comparsas, e tanto mais irreais aqueles que a nossa memória identifica com a realidade de há mais de vinte anos. Ao pé do chefe de brigada Elias Santana, figura imaginária, companheiro de lagarto e ele próprio lagarto da nocturna Lisboa — vítima e crininoso, facilmente localizáveis na crónica policial do início dos anos 60, são figuras irreais, difusas, distantes. A parte Lisboa, tudo o mais são figuras possíveis e críveis — mas irreais.

Mas onde está a realidade? Será que ela existe a partir do momento em que, julgando compreendê-la, a interpretamos? Para o meu amigo investigador do crime que, em 1961, vitimou o capitão Almeida Santos, a realidade é uma. Para mim, que assisti às sessões do julgamento em Sintra, ao longo das quais se desenrolou — mal — uma teia de tenebrosas relações, a realidade é outra. Para o escritor que, vinte anos depois, parte do crime da praia do Mastro para a análise de uma época, a realidade é ainda outra muito diversa. A realidade, diria o senhor de La Pulice, é o que cada um de nós vê.

José Cardoso Pires sabe-o, e por isso escreve a encerrar o seu livro: «De modo que entre o facto e a ficção há distanciamentos e aproximações a cada passo, e tudo se pretende num paralelismo autónomo e numa confluência conflituosa, numa verdade e numa dúvida que não são pura coincidência.»

Ou seja: nada acontece por acaso. E, em particular, este magnífico livro que é *A Balada da Praia dos Cães*.



Há vinte anos, num grande areal dos arredores de Lisboa.. (foto de arquivo)